

VIOLÊNCIAS DO COTIDIANO: A SOCIEDADE BRASILEIRA EM QUESTÃO E O PAPEL DA ESCOLA PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

LA VIOLENCIA DE LA VIDA COTIDIANA: LA SOCIEDAD BRASILEÑA EN CUESTIÓN Y PAPEL ESCUELA PARA LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL

Rodrigo Barbosa e Silva
Unitins

Resumo: Este artigo pretende refletir sobre a sociedade brasileira atual, destacando aspectos que circundam as práticas educativas escolares. Não se pode contextualizar o espaço escolar e suas práticas pedagógicas sem ter o conhecimento crítico da sociedade onde elas acontecem. Assim, trazemos à reflexão aspectos pertinentes à contemporaneidade brasileira, em especial, à violência em suas diferentes facetas sociais de modo que tenhamos uma real percepção do quanto se faz necessário um projeto de transformação social por meio da educação. Com base em uma perspectiva pedagógica que favoreça a tomada de consciência dos sujeitos envolvidos nas práticas educativas, defendemos e vislumbramos um cenário socioeducativo libertador, onde a pluralidade da vida social possa favorecer a emancipação destes atores, apontando para a libertação de cada um através da participação efetiva em suas vidas.

Palavras-chave: Violência; Educação escolar; Conscientização.

Abstract: This article aims to reflect on the current Brazilian society, highlighting aspects that surround the school educative practices. You can not contextualize the school environment and their teaching practices without critical knowledge of the society in which they happen. Thus, we bring to reflect relevant aspects of the Brazilian contemporary, in particular the violence in their different social aspects so that we have a real perception of how a social transformation project is needed through education. Based on an educational perspective that promotes the awareness of those involved in the educational practices, we argue and we see a deliverer socio-educational setting where the plurality of social life may favor the emancipation of these actors, pointing to the liberation of each through participation effective in their lives.

Keywords: Violence; Schooling; Awareness.

Introdução

Há uma ideia presente no senso comum da maioria das pessoas relacionada à noção de sociedade que está integrada à questão quantitativa. Desse modo, é nítido que não é somente a cidade que extrapola os limites espaciais, quando se estende para todos os cantos. Há pessoas em excesso e um exagero de coisas. Há muito de tudo. A ideia de quantidade, tamanho, aliás, ajuda-nos a pensar o lugar onde vivemos: número de habitantes, extensão geográfica, taxas e percentuais de trabalho, desemprego, violência, mortes, preços etc. Quantidade é o pano de fundo da cultura urbana, principalmente, que concentra riquezas e acumula misérias. São visíveis as condições extremas da vida: opulência e pobreza, coexistindo cara a cara, não se ignoram. Se há bairros de elite, ruas luxuosas e construções majestosas, manifestações espetaculares da riqueza, a pobreza aparece quase como um vizinho indesejado, um irmão gêmeo do avesso, debaixo das marquises dos prédios, das pontes e viadutos. Assim, edificações abandonadas e terrenos vazios vão se transformando em cortiços e favelas que chamam tanto a atenção quanto às edificações luxuosas.

A sociedade brasileira constitui-se como um ambiente de grande contradição. Numa mesma via, velhos ônibus lotados e carros novos com um só ocupante. Prazeres e desprazerem se misturam em um único programa cultural. Na ida ao teatro ou a um show musical, por exemplo, é praticamente impossível não se deparar com processos de mendicância que contornam os lugares dos espetáculos. É a moça com seu veículo importado e o guardador com atitude intimidatória, os filhos de aparência saudável e as crianças pedintes, o homem bem trajado e o vendedor maltrapilho de balas.

A desigualdade social é plenamente perceptível aos habitantes das grandes cidades. O modo como realizam suas leituras de mundo pode variar, dependendo do lugar em que residam e das experiências sociais que acumulam. Não é preciso dinheiro para frequentar a maioria dos lugares da cidade. Porém, a maneira de frequentá-los varia de acordo com a renda e o renome dos envolvidos.

Há os que ficarão na luz e aqueles que ficarão na sombra. Em cima disso, cabe-nos estudar a presença da escola neste mundo contraditório, observando a sua importância para manutenção ou transformação destas características sociais de tal modo que possamos compreender o papel das relações educacionais neste processo de formação social que acontece no século XXI.

Para nós, inseridos na área da Educação, que pensamos as práticas pedagógicas desenvolvidas em diferentes ambientes e contextos sociais, é preciso ter a clara noção de que a educação deve ser vinculada à proposta de mudança. Afinal, se o mundo passa por inúmeras transformações sociais, a educação deve também acompanhar tal progresso. Contudo, esse processo precisa ser caracterizado por um desenvolvimento coletivo. Para tanto, o termo libertação, a nosso ver, é bem factível quando vislumbramos essa perspectiva na prática do dia a dia. É preciso destruir as correntes que nos prendem às contradições sociais observadas e vivenciadas cotidianamente, superando-as em prol de um mundo menos opressor e mais democrático.

A formação sociocultural do ser humano

Somos fruto de nossas relações sociais, dos nossos processos educativos. Estamos, diariamente, convivendo com outras pessoas. Por isso mesmo, é tão importante ficarmos atentos às características sociais presentes no cotidiano dos nossos dias. Hoje, por exemplo, é perceptível a predominância cultural marcada pela elevação da existência individual e concretizada em bens materiais. Esta cultura de consumismo presente em nossa sociedade faz com que as pessoas realizem uma autoafirmação de suas identidades através do maior número possível de mercadorias. Sendo assim, um homem bem sucedido, feliz, realizado pessoalmente, é aquele que é considerado proprietário de casas, carros, roupas de grife etc. (RUIZ, 2003).

O desenvolvimento do individualismo torna-se perigoso para uma sociedade que se diz democrática, pois “há valores mínimos que uma sociedade necessita compartilhar: os da cooperação, do reconhecimento do outro e do direito à vida” (PERALVA, 2000, p.180). Sem esse mínimo, a construção social democrática fica difícil. Pior, facilita, inclusive, a opção por condutas não legais, não solidárias, não humanas, no sentido de preservação e elevação dos aspectos culturais que promovam a existência humana e os valores de uma vida baseada na paz.

Dependendo da sua escolha humana-social, daquilo que você acredita que seja verdadeiro e bom para o mundo em que vive, é possível que esteja colaborando para esta desigualdade continue presente em nossa sociedade. Assim, muitas ações sociais carregam dentro de cada sujeito os valores daqueles que persistem, por interesses próprios, na manutenção do atual modelo social, injusto, desigual, desumano.

No Brasil, aqueles que estão à margem dos processos sociais, os excluídos, sequer conseguem expor seus pensamentos, sua maneira de perceber a sociedade atual. Numa realidade onde já não têm acesso a inúmeros bens materiais, eles também não têm o direito à fala, à manifestação. São raros os momentos, os espaços, que criam oportunidades para que os sujeitos sociais opinem sobre o desenvolvimento de uma vida digna. A grande maioria da população marginalizada dificilmente encontra condições de construir projetos que apontem possibilidades de uma nova ordem. As decisões são tomadas de cima para baixo. São os próprios opressores pensando em alternativas às vidas dos oprimidos. Desta maneira, torna-se impossível pensar em uma vida social diferente. Maciel (2000, p.29), empregando o termo “ressurreição”, no contexto do restabelecimento de uma vida com possibilidades concretas de um modelo social pacífico, igualitário, prazeroso, afirma que esta grande transformação

(...) só se dará no seio da mobilização popular que parte da conscientização e da vontade política em prol de projetos de mudança de uma sociedade autoritária para uma sociedade democrática onde todos de fato possam se tornar sujeitos de direitos.

Enquanto educadores, antes disso, enquanto seres humanos, somos convocados a participar, a contribuir com esta mobilização social que tem como propósito a construção de uma sociedade diferente desta que impera nos dias atuais. A sociedade que devemos vislumbrar e lutar para a sua existência é democrática, justa e igualitária.

Contradições sociais brasileiras

Os espaços coletivos da cidade, nitidamente, vão se individualizando. A vida social vai sofrendo uma ordenação onde os habitantes, por consequência, formam uma população bem diferenciada. Desse modo, a divisão geográfica se amplia às fragmentações das funções e das experiências sociais, apresentando um quadro de formação de identidades altamente complexo. As camadas subordinadas, especificamente, vão se estabelecendo em meio às intensas discriminações sofridas que as colocam, em relação ao poder, como pessoas de segunda categoria.

Em uma grande metrópole, por exemplo, a fragmentação da vida social está sendo levada ao extremo. Entretanto, apesar desta configuração, não há como manter os cidadãos em um só lugar, isolando-os em seus supostos espaços de origem e de merecimento, explicitando uma imaginária homogeneidade de asseio social.

A pobreza não é invisível. A cidade, assim como apresenta cenas de ostentação, mostra também seu movimento indigente. Contudo, em muitas ocasiões, a maioria das pessoas opta por não olhar este lado da sua face. Preferem ignorar sua existência, afinal a pobreza, além de feia, é impregnada de símbolos depreciativos que, cruzando nossos caminhos, vão nos ajudar a compor o entendimento que temos da cidade.

A pobreza é, talvez, a grande contradição do modo de vida urbano tomado pela abundância e pelo consumo. Estamos subordinados às várias incitações que envolvem nossas vidas nos diferentes sentidos. Comerciais na televisão, outdoors, anúncios nos meios de transporte, propagandas nas emissoras de rádio, nos jornais e revistas impressas, além das páginas da internet, oferecem a todos de tudo um pouco, ou melhor, de tudo em muito. Tais chamados não chegam somente àqueles que têm dinheiro para comprar os diferentes produtos ofertados. Chegam, também, quiçá com mais força de atração, aos que não têm condições de compra. Vemos, assim, que os objetos de desejo não estão ao alcance de todos. Diante deste cenário social, vale pensar qual deve ser o papel da educação no processo de formação do ser humano.

A formação de uma cultura delinquente

A dinâmica da cidade, com suas contradições e desigualdades, nos traz a sensação de que, a qualquer momento, um desregramento social possa acontecer. A ordem racional pode ser rompida por comportamentos indevidos. É com base neste pretexto que a sociedade, uma parcela dela, representada por sua elite, após afastar determinadas camadas populares, por sentir-se ameaçada, tenta edificar a imagem de uma cultura delinquente, rejeitando-a e, como saída, apresenta sua ideologia, seus valores, que são aceitos pela maioria como a verdade absoluta. O que há, então, é uma velada discriminação e consequente exclusão social estabelecida pela classe dominante.

Comumente, o que ocorre é que as pessoas pertencentes às classes mais abastadas não conseguem reconhecer no outro, nos sujeitos da pobreza, um ser semelhante com as mesmas qualidades de humanidade. Não veem igualdade nas diferenças. O diferente, então, é desigual, inferior. Assim, não reconhecendo o outro, constroem-se perspectivas de temor social. É instaurada uma atmosfera de medo aos conflitos, à perda da vida, à tomada do patrimônio, à invasão da propriedade, ao ataque do desconhecido. Este receio, aliado à desconfiança no aparato policial e no poder judiciário, pode colaborar para que a insegurança dê origem a acusações contra grupos sociais de quem se suspeita. No caso em questão, contra aqueles que não são iguais, isto é, aos que não possuem as mesmas características humanas, tornando-os indesejáveis socialmente (TRAVERSO-YÉPES, 1999).

Essa possibilidade de observarmos atos, digamos, não solidários, não condizentes com uma normalidade social de paz, justiça e prosperidade, aumenta quando percebemos que o processo de formação humana possui pendências na estrutura educacional das pessoas, principalmente no que tange à família e à escola. Para Maciel (2000, p.12), seguindo o pensamento de Freire (1991), a exclusão escolar assemelha-se a expulsão existente nas escolas, pois em ambos os casos ocorrem uma eliminação das múltiplas culturas presentes ali. A autora faz uso de uma expressão forte: "homicídio doloso". A escola, então, pode ser considerada uma "assassina" devido à violência implícita utilizada em seus procedimentos disciplinares, amparada legalmente (regimentos, planos, estatutos etc.), culminando numa violenta exclusão dos seus participantes.

Expulsos, estes ex-alunos, agora organizados fora do ambiente escolar, passarão a criar uma resistência às situações vivenciadas diariamente e desafiarão as regras sociais presentes, além de terem acesso mais fácil aos códigos marginalizados que serão, a partir daquele instante, as normas oficiais de convivência entre eles. Pronto. Abre-se espaço para o confronto com a cotidianidade das relações sociais, possibilitando a construção de uma cultura marginalizada.

Percebe-se, com esta situação de exclusão escolar edificada aqui, o enorme perigo de o sujeito realizar uma introspecção destas vivências sociais, atribuindo a si mesmo a culpa pela interrupção nos estudos escolares. Com isso, além do “assassinato” realizado contra mais um aluno, a escola obtém seu atestado de inocência fornecido pelo próprio falecido, fruto, possivelmente, da distância estabelecida entre o júri (comunidade) e os fatos do crime (cotidiano escolar), além daquela imagem de não suspeita, pois é considerada como uma instituição pertencente aos letrados, à elite. De modo que esses raramente são considerados suspeitos. Culpados, então, é possível, mas muito improvável.

Além da falta da escola, outra influência externa que colabora na formação de uma identidade desequilibrada em termos sociais é o distanciamento sentimental da família. Já distante da escola, o jovem precisa participar de outra instituição que lhe ajude a construir um modelo político, social e econômico em busca de uma vida social dinâmica e afetiva, contemplada por relações significativas que favoreçam o respeito a si, ao próximo e ao mundo em que vive.

Em muitas ocasiões, este apoio também não é encontrado entre os elementos familiares. As palavras a seguir, de um detento, exemplificam a ausência familiar e nos dão indícios que a entrada no mundo do crime, fica facilitada sem o convívio desta esfera social:

Dona Eida, minha mãe, dizia que até os seis anos eu era um santo. Meu pai, seu Luiz, dizia que eu era um débil mental. Disso lembro bem. (...) Meu pai, desde que me lembro, já bebia. Passava dias fora de casa, sem dar notícias. Quando ele chegava bêbado em casa (e era quase todo dia), eu me escondia na casinha da cachorra, Dinda. A cadela era meu maior amigo. O homem chegava ensandecido, procurando motivo para brigar e bater. Me apavorava, vivia sobressaltado, com medo dele. Ele dizia que eu tinha medo, mas não tinha vergonha. Medo eu sabia de quem, mas vergonha de quê, de ser menino? Por qualquer motivo, mandava que eu fosse buscar o cinturão de couro no armário e dizia, sadicamente, que iríamos ter uma conversa. Era uma tortura, era mesmo! Pegava pelo braço e batia, batia, batia...até ficar sem fôlego. Eu sentia que era com raiva, prazer até. (...) Minha mãe ficava na cozinha chorando, sem fazer nada. Para ela aquilo fazia parte da educação de uma criança, era normal. Para mim, aquilo era o fim do mundo. Odiava-o com todas as forças do meu pequeno coração. Vivi a infância toda fermentando ódio virulento àquele meu algoz e envenenando minha pobre existência. Quis crescer, ser grande e forte para arrebatá-lo a socos e pontapés (MENDES, 2001, p.13).

Ferreira (1996, p. 56) destaca que os vínculos familiares não só interferem como podem efetivamente colaborar na edificação de uma identidade socialmente incompleta na pessoa. Segundo a autora, o histórico familiar aponta

[...] para a grande maioria dos detidos, a total ou parcial ausência da figura masculina. Quer por abandono do lar, quer por ter sido uma relação casual, que ainda por problemas ligados à embriaguez, drogas, jogo, ou também por ausências que se devem à necessidade de trabalhar. (...) Com relação à figura feminina, embora os sentimentos e referências a ela sejam cercadas de especial respeito e profundo amor e idealização, ela se apresenta submissa e servil, como é a

imagem do feminino esposa-mãe, no universo simbólico próprio da nossa sociedade.

Pai e mãe, por diferentes motivos, até por questões de sobrevivência, não se fazem presentes na vida de muitos jovens atualmente. Assim sendo, o diálogo, peça fundamental nas relações humanas, não acontece entre pais e filhos. Considerando a família uma das responsáveis na formação da personalidade dos sujeitos, percebemos a carência de uma educação que possibilitasse o desenvolvimento de condições físicas e mentais necessárias ao alcance de uma identidade, de uma maneira própria de ser. Para a constituição desta identidade própria, “precisamos ter a oportunidade de estabelecer vínculos afetivos significativos; são essas ligações emocionais com pessoas importantes para nós que permitem nosso desenvolvimento” (DIAS, 1992, p.07).

Quando estes vínculos não são estabelecidos com o pai, com a mãe ou com algum familiar próximo, aumentam as chances de haver lacunas na formação dos referenciais necessários para o desenvolvimento de uma personalidade que faça um determinado sujeito caminhar em direção ao mundo igualitário. Com isso, os valores marginalizados ganham espaço nesta construção da identidade humana. Neste sentido, os convites para ações de desvio de conduta acontecem com frequência no meio social em que vive. E estas ações são realizadas por aqueles que assumiram um lugar de importância no dia-a-dia deste sujeito, muitas vezes, por aqueles que substituíram os vínculos familiares.

A reflexão construída aqui perpassa por dois microssistemas importantes presentes no contexto do nosso macrossistema social: família e escola. Estas duas organizações, somadas às demais experiências sociais, englobam diversos valores que norteiam o pensamento e as ações das pessoas que passam por suas estruturas.

Tanto a família quanto a escola são lugares onde deveria acontecer integração entre as diferentes pessoas que deles participam. Integração no sentido de completar, preencher, fazer parte, socializar em um ambiente onde há culturas diferentes, pensamentos diferentes, valores diferentes. Entretanto, em muitas ocasiões, percebemos que não houve limite, nem consigo e nem com o outro:

A filosofia do “tudo vale, tudo pode” vem crescendo, tornando ambíguo o conceito de integração social. Condição altamente frustrante e desencadeadora de raiva, ódio e agressão. O cidadão vive momentos difíceis na discriminação dos limites entre o individual e coletivo, público e privado, ético e antiético (LEVISKY, 2010, p.08).

A manifestação desta filosofia colabora com a não formação da identidade completa de uma pessoa. É preciso que os sujeitos percebam que suas vontades só serão legítimas se os mesmos assumirem os seus limites e os limites circunscritos à sociedade.

Acreditamos que o ponto central a ser discutido, diante do cenário de desigualdades encontrado em diferentes sociedades do nosso mundo, é o imobilismo social perante estas realidades. É preciso pensar nos mais diversos aspectos que possam garantir as condições básicas de uma vida cidadã. Pensar que as desigualdades serão superadas por meio de decretos governamentais é um grave erro. A sociedade precisa encontrar novas possibilidades de ações mais humanizadoras, buscar, construir, novas formas de se viver. Nessa procura por um novo modo de vida, uma nova cultura social, é difícil não pensar como deve ser a configuração das relações formais e informais entre as pessoas, quais os valores que devem estruturar a sociedade de modo que tenhamos cuidado, respeito e valorização entre os cidadãos. O tratamento, por exemplo, dado à educação escolar é um forte indicativo de como uma sociedade está organizada.

A escola que o Brasil precisa

A função social da educação, partindo de uma visão crítica do mundo em que vivemos, deve estar voltada à libertação dos sujeitos participantes. Entendendo que a libertação necessária é aquela em que se promove a construção de uma consciência crítica entre o coletivo das pessoas. É com essa perspectiva que as propostas educacionais empregadas principalmente nas escolas deveriam

ser contextualizadas, ou seja, na conscientização dos sujeitos que ali estão e na preservação de suas vidas. Vida humana entendida não só no plano físico-biológico. Aspectos históricos, sociais e culturais também compõem a vida de cada sujeito.

Conhecendo o universo das escolas brasileiras, vemos que é necessário que se construa uma nova concepção pedagógica, desconstruindo o atual sistema através de uma ruptura ética das práticas opressoras encontradas no cotidiano. Isto não significa, a princípio, partir de outra realidade. É preciso, sim, partir de um novo ponto, de outra perspectiva. As ações alienantes ainda encontradas em escolas brasileiras, além de não colaborarem com a tomada de consciência dos estudantes, também reforçam o isolamento ao qual estão submetidos. Entretanto, estas mesmas práticas podem colaborar para que estes estudantes se percebam enquanto grupo de sujeitos e consigam ler o mundo em que vivem, percebendo os porquês de determinados cenários sociais e entendendo que, na verdade, eles são mais uma parcela do extenso universo de sujeitos sociais capazes de contribuir com a construção de uma nova realidade social.

O processo de construção de uma consciência crítica, que não pode ficar apenas no plano individual, poder ser iniciado pela participação do próprio estudante nas questões da escola, no acolhimento de seu pensamento e de sua fala, por parte daqueles que são responsáveis pela gestão e pelo desenvolvimento das aulas, ou seja, equipe técnica e professores. É necessário que o mesmo tenha oportunidade de expor sua visão de mundo e de vida, afinal “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1998, p.154).

A constituição de um mundo mais humano passa pela negação da palavra do poder opressor, pois esta palavra faz com que os indivíduos só recebam ordens, não opinando, não escolhendo, não decidindo sobre a sociedade em que vivem e, é claro, sobre suas vidas. Sendo assim, percebemos que as práticas ideológicas impostas por aqueles que detêm o poder, comumente, negam a palavra dos oprimidos, uma palavra autêntica, íntegra, capaz de proporcionar a autonomia coletiva em busca da destacada libertação. E toda palavra autêntica é práxis. Práxis é ação e reflexão dos homens sobre o mundo com o objetivo de transformá-lo (FREIRE, 1983).

O mundo pensado aqui é o mundo escolar. É neste espaço que os estudantes, também agentes de educação, por meio do diálogo, podem principiar a transformação desta realidade. Transformação gerada através da denúncia das desigualdades observadas ali e também da construção de uma realidade mais justa, igualitária, respeitosa e solidária. Um caminho possível à transformação deste espaço escolar começa a ser traçado por uma proposta efetivamente libertadora, que atue como instrumento norteador à conscientização daquele grupo social. Para tanto, é preciso criar condições para que haja o desenvolvimento de uma educação efetivamente libertadora. E, neste sentido, o trabalho conjunto entre os diferentes sujeitos da educação escolar torna-se condição ímpar para o alcance deste objetivo.

Considerações finais

O sistema escolar brasileiro, de forma geral, necessita de uma grande reforma. Porém, antes de construir algo novo, com uma fundamentação diferente, se faz necessário reconhecer aquilo que é dominante, denunciando e desconstruindo os mecanismos de opressão, por meio de um rompimento com as práticas cotidianas, além de valorizar os aspectos positivos inerentes a ele, é claro. A conscientização construída no ambiente escolar é geradora de um compromisso ético em busca da transformação da realidade opressora existente na sociedade em geral. Deve ser feito aquilo que é possível ser feito. As ações possíveis, na verdade, são obrigatórias. Portanto, há uma infinidade de coisas que necessitam ganhar vida no contexto escolar. Algumas das ações necessárias já estão previstas, inclusive, em normas e leis que abordam esta temática. É com base nas possibilidades e potencialidades do ser humano que as ações se tornarão válidas para a construção de uma nova ordem nas unidades escolares.

Se a perspectiva for de garantir um convívio escolar, firmado no respeito a todo estudante, estabelecendo bases igualitárias e promovendo uma real participação fundamentada num conjunto de valores e normas construídas coletivamente, os gestores e professores devem combater a propagação de todo e qualquer tipo de prática autoritária no espaço escolar. O problema da educação escolar nacional, assim como todo problema social de um povo, precisa de soluções

profundas, construídas através de um projeto político que exponha, questione e oriente o caminho à transformação necessária. Transformação pensada e construída por aqueles que, de algum modo, são excluídos socialmente. É pela base que se inicia as grandes revoluções sociais. No campo da educação não é diferente: estudantes, pais, família, comunidade, professores e demais educadores devem construir o cenário propício para que tal perspectiva seja vislumbrada no cotidiano dos dias.

Todos nós podemos ser construtores de uma vida plural. E, da mesma forma que construímos, também somos construídos. Portanto, é preciso derrubar o pensamento de que uma convivência entre os diferentes não é possível. As diferenças podem, inclusive, colaborar para que venha à tona a negatividade das situações opressivas, favorecendo a conscientização dos oprimidos, apontando caminhos para a libertação de cada um através da participação efetiva em suas vidas (FREIRE, 1983). Esta desejada conscientização pode ocorrer em uma estrutura de resistência e de adesão. Precisamos resistir ao processo de mera adaptação social, pois, com tal comportamento, corremos o perigo de nos alienarmos ao nosso mundo, à nossa cultura e às nossas possibilidades. Fora isso, é preciso participar de ações pensadas, planejadas e executadas democraticamente que nos levem ao real entendimento do nosso papel social. O comprometimento com a valorização da sua vida e da vida do outro sujeito é fundamental. Estes, de maneira geral, são pontos essenciais para tentar efetivar uma proposta, efetivamente, educativa transformadora, conscientizadora.

Referências

- DIAS, Maria Luiza. **Vivendo em família: relações de afeto e conflito**. São Paulo: Moderna, 1992.
- FERREIRA, Maria Emília Guerra. **A produção de esperança numa situação de opressão**. São Paulo: Educ, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- LEVISKY, D. L. Uma gota de esperança. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2010. pp. 06-12.
- MACIEL, Rosa Maria. **SOS! Passageiros da agonia. A trajetória do “meu guri”**: o papel da exclusão escolar na gênese da violência. Dissertação de Mestrado em Educação. PUC/SP, 2000.
- MENDES, Luis Alberto. **Memórias de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. O (ab)uso da tolerância na produção de subjetividades flexíveis. In: SIDEKUM, Antônio. **Alteridade e multiculturalismo**. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2003.
- TRAVERSO-YÉPES, Martha. **Os discursos e a dimensão simbólica, uma forma de abordagem à Psicologia Social**. Estudos de Psicologia. Natal, jun 1999, vol. 4, n. 1, p. 39-59.